

## **O OLHAR DO EDUCANDO: IMPRESSÕES DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO SOBRE AS AULAS DE HISTÓRIA<sup>1</sup>**

### *THE CLASS THROUGH THE STUDENTS' POINT OF VIEW: HIGH SCHOOL STUDENTS' FEELINGS ON HISTORY CLASSES*

**Leonardo Silva Camargo<sup>2</sup> e Elisabeth Weber Medeiros<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

*A idéia dessa pesquisa surgiu da intenção de conhecer a percepção dos alunos de Ensino Médio com relação ao ensino de História e a realidade didático-metodológica da sala de aula em escolas públicas e privadas de Santa Maria - RS. Como objetivo, procurou-se, através do olhar dos alunos, perceber o cenário e o desenvolvimento das novas abordagens do ensino de História na prática docente. Dessa forma, priorizou-se investigar alguns pontos considerados significativos, tais como, conceito de História, metodologia, estratégias, seleção de conteúdos e processos avaliativos. A metodologia utilizada foi a técnica de entrevistas estruturadas e, na análise dos dados coletados, a abordagem qualitativa e quantitativa. Como resultado da investigação percebeu-se que o processo de mudanças nas concepções do ensino de História, quando não é ausente, é muito lento e gradual. Este é o cenário e necessita sofrer modificações. As transformações, porém, dependem, em sua maior parte, do comprometimento dos docentes com o ensino de História, em tornar a sala de aula um local de construção de saberes e de posturas que respondam às questões colocadas pelo presente.*

**Palavras-chave:** História, ensino de História, visão do aluno.

#### **ABSTRACT**

*The idea of this research raise from the intensions to know the perception of high School students in relation to teaching history and the reality of didactic-methodology used in class room of public and private school of Santa Maria city – RS. The objective was to look through the student's eyes and feel the scenery*

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA. E-mail: eweber@unifra.br

*and the development of new approach used by the professor to teaching history. From this way priority investigations were given to some significant points such as history concepts, methodology, strategies, selection of contents and evaluation processes. The methodology used was the technique of writing structured interview and the collected data were qualitatively and quantitatively analyzed. The results of investigations show that changing on history teaching concepts, when it is not absent is, very slow and gradual. This is the scenery and need modifications. The transformations, however, depend, in a grater part, from the professor's commitment with teaching history, change the class room as a place of knowledge development and the attitudes that answer the questions stated by the actuality.*

**Key words:** History, teaching History, student view.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, busca-se modernizar o ensino de História no sentido de atrair os alunos ao prazer dos conhecimentos da disciplina. Essas tentativas partem, normalmente, de propostas de novas abordagens metodológicas e possíveis práticas pedagógicas obtidas a partir de diferentes estudos e pesquisas das diversas áreas das ciências humanas. Porém, não se tem oferecido aos alunos oportunidades de opinar sobre o assunto. Portanto, este é o principal foco de desenvolvimento dessa pesquisa.

A presente investigação tem como objetivo conhecer a percepção dos alunos do Ensino Médio da rede pública e privada de Santa Maria, sobre o ensino de História, com a finalidade de suscitar questionamentos e reflexões sobre o tema.

A significância especial desse trabalho é propor aos professores, comprometidos com o ensino de História, uma reflexão crítica sobre suas práticas docentes e metodologias vigentes, oferecendo subsídios importantes para reflexão e possíveis redimensionamentos por meio da análise dos alunos do Ensino Médio de Santa Maria sobre o ensino de História.

Na obtenção de dados, foi utilizada a técnica de entrevista estruturada, através das quais foram aplicados questionários em 40 alunos do Ensino Médio de escolas de Santa Maria que possuem a disciplina de História em seu currículo, englobando todos os anos do Ensino Médio. O número de escolas participantes foi quatro, sendo duas privadas e duas públicas.

Dentro da metodologia utilizada para a análise e seleção dos dados, extraiu-se uma amostragem no intuito de obter subsídios que serviram para identificação, interpretação e, até mesmo, reflexão da percepção dos alunos do Ensino Médio, diante do ensino de História. Na análise dos dados coletados foram utilizadas abordagens qualitativas e, por vezes,

quantitativas, com destaque para depoimentos considerados relevantes e categorias de respostas semelhantes. Desse modo, obtivemos uma visão inversa, “de baixo para cima”, contendo a voz e as impressões dos alunos, e, assim, oportunizando propostas de sugestões, adaptações e melhoramentos vinculados às práticas didáticas, seleção de conteúdos, carga horária da disciplina, postura de professores em sala de aula, entre outros. Como referencial teórico para análise dos dados foi utilizada a revisão bibliográfica das obras de Arroyo (2000), Caimi (2001), Fonseca (2003), Haydt (2004), Karnal (2003), Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998; 1999), entre outros.

Na estruturação do texto, além dessa breve introdução, apresentamos um panorama simples de alguns pontos considerados relevantes, dentro das novas abordagens para o ensino de História, e, posteriormente, apresentamos e discutimos os depoimentos dos alunos com base no referencial teórico. Por fim, foram apresentadas as considerações finais sobre o tema.

## **O ENSINO DA HISTÓRIA E SUAS CONCEPÇÕES ATUAIS**

Os debates sobre metodologias e práticas docentes no ensino de História e a grande diversificação teórica existente até meados dos anos de 1990 fizeram com que tivéssemos uma variabilidade muito grande de currículos e práticas de ensino em âmbito nacional. Esse panorama modificou-se com a reformulação da legislação vigente, no que diz respeito à aprovação da nova Lei de Diretrizes de Base - LDB e dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, em 1996 e 1997, respectivamente (BRASIL, 1998). A nova LDB apresentou-se no sentido de regulamentar as questões relativas à educação em todo o Brasil.

Já os PCNs surgiram na expectativa de selecionar e compilar, em um conjunto de manuais, os conteúdos e as diversas concepções teórico-metodológicas baseadas em novas abordagens do Ensino Fundamental e Médio, com a finalidade de manter uma unidade nos currículos escolares em âmbito nacional e auxiliar os professores no desenvolvimento das novas práticas no ensino, neste caso, o ensino de História.

Sabe-se que, essa “evolução” no ensino, devido a já referida diversificação teórica, não recebeu a unânime aceitação dos profissionais da área de educação. Muitos professores não aceitam o regramento do ensino, assim como afirma Fonseca (2003):

Sabemos que aquilo que o professor ensina e deixa de ensinar – bem como aquilo que o aluno aprende e deixa de aprender – vai muito além do proposto nos livros didáticos e nos currículos

prescritos nas diretrizes e mesmo nos projetos pedagógicos. Por isso defendemos um diálogo crítico, permanente, entre os sujeitos que (re) constroem os saberes históricos nos diversos espaços educativos e culturais (p. 244).

Portanto, atualmente, essas discussões não cessaram, pelo contrário, ainda mantiveram-se vivas e diversificaram-se ainda mais dentro da sociedade, mostrando o quão importante e complexo é o processo de ensino/aprendizagem e o nível de comprometimento que deve ser atribuído aos educadores neste contexto. Leandro Karnal comenta que um médico “mata” seu paciente com apenas um ato ou procedimento negligente, já um professor, se negligente, deixará seu “paciente” agonizante e seqüelado do saber, e essas “marcas” serão percebidas pelo resto de sua vida. É a “morte” do conhecimento (informação oral<sup>4</sup>).

As novas tendências e abordagens do ensino de História apontam no sentido da formação de indivíduos críticos, questionadores e dignos de cidadania. Também na diversificação das práticas docentes, tanto no que diz respeito à revisão de temáticas, seleção dos conteúdos e dinâmicas a serem trabalhadas em sala de aula, bem como na avaliação e significância dos conteúdos para os alunos, aproveitam-se as novas tendências e produções historiográficas.

Preocupou-se, a partir disto, com o desenvolvimento de novas habilidades e competências nos discentes, na intenção de formar cidadãos capazes, autônomos, responsáveis e sujeitos do processo histórico.

Desse modo, as novas metodologias tentam fugir do paradigma da chamada “História Tradicional”, voltada para o ensino factual, etapista, baseado na memorização e descaracterizado da realidade social. Deixa-se de lado a História fantasiosa dos heróis e dos grandes feitos humanísticos e direciona-se o aprendizado para uma História que privilegie multiplicidades temporais, espaciais, sociais, econômicas e culturais, dando voz ao homem comum, também como agente histórico, desmistificando a cronologia linear dos acontecimentos, como se fossem regradados e estáticos (MEDEIROS; AGOSTINI, 2006).

Tudo muda a cada momento no mundo contemporâneo. No ensino de História não é diferente, o que se necessita é aprender a lidar com essas mudanças. Em primeiro lugar, antes de entoarmos o aclamado discurso pedagógico da formação de indivíduos críticos e questionadores, o professor deve também refletir essa postura. Caso contrário, tornar-se-á incoerente em sua proposta, impondo a seus alunos, modelos prontos de um

<sup>4</sup> Em palestra proferida na 12ª Jornada Nacional de Educação promovida pelo Centro Universitário Franciscano em 06 de outubro de 2006.

passado de verdades absolutas das coisas e dos acontecimentos, como se fossem imóveis e sem vida. O passado que explica e confere legitimidade ao presente é aquele visto como um processo de mudanças, ou seja, um passado que não se apresenta como algo dado e estático, encerrado em si mesmo, mas como um movimento de mudança direcional, adiante, de desenvolvimento rumo ao presente (BRASIL, 1999).

Segundo Theodoro (2003), “[...] antes o professor podia dizer, sem medo de errar, que Portugal foi o responsável pelas Grandes Navegações. Ninguém perguntava se existiam outros povos que navegavam, qual o tamanho das embarcações e se os chineses não foram mais longe” (p. 52). O fato era que, a pesquisa histórica não interferia nos modelos de interpretação memorizados sucessivamente durante o tempo. As novas metodologias, fruto das mudanças, tendem no sentido de procurar deixar de lado as verdades absolutas dos modelos amarelados dos antigos planos de aula, obrigando os professores a arregaçar as mangas e trabalhar no sentido de procurar essas reflexões em si mesmo. A mesma autora afirma que, se o professor não sabe “[...] colocar o problema, observar uma situação por diferentes ângulos, trabalhar inúmeras variáveis, estabelecer relações, discutir as premissas [...]” (p. 53), dificilmente proporcionará isso aos seus alunos. Como estamos resolvendo essas questões? Essa é uma reflexão que deve ser feita e relacionada diretamente com nossas práticas docentes desenvolvidas no dia-a-dia escolar, num processo de ação-reflexão. O processo é lento e penoso, mas necessário no desenvolvimento das mudanças propostas pela modernidade no ensino de História.

As novas produções historiográficas, a ampliação das fontes históricas, os novos eixos temáticos e as transversalidades proporcionaram aos professores uma imensa gama de possibilidades para se trabalhar os mais diversos conteúdos em sala de aula, na intenção de possibilitar aos alunos, durante o processo de aprendizagem, o prazer pela aquisição do conhecimento numa aula de História. Agora, cabe a eles, explorarem essas possibilidades ao máximo, utilizando-se da criatividade e das realidades cotidianas na busca da diversificação das práticas didáticas nas escolas. De acordo com Fonseca (2003):

[...] o professor de História não opera sozinho. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos e reconstruídos na escola por sujeitos históricos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos vários espaços. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos ao processo de ensino outras fontes do saber histórico, tais como o cinema, a TV, os quadrinhos, a literatura, a imprensa, as múltiplas vozes do cidadão e os acontecimentos cotidianos. O professor ao diversificar

as fontes e dinamizar a prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica (p. 244).

É interessante salientar que, para o sucesso dessa renovação educacional, deve-se ter uma melhoria significativa nas condições de trabalho e uma mudança na formação inicial e continuada dos professores. Esse trabalho não é solitário, é construído na coletividade, com o diálogo e a troca de experiências que se adquire ao longo da vida, através da ação e das experiências do trabalho docente. Isso requer paciência, sensibilidade, postura crítica, reflexão permanente sobre nossas ações, sobre o cotidiano escolar, no sentido de rever nossos saberes e nossas práticas (FONSECA, 2003).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM (BRASIL, 1999), os objetivos do Ensino de História partem no sentido de desenvolver no aluno competências e habilidades que conduzam à assimilação de um instrumental intelectual que lhe permita problematizar, analisar e interpretar as situações concretas das situações vividas, e, a partir disso, possa construir novos conceitos ou conhecimentos. Para que isso ocorra, e sabendo da impossibilidade de estudarmos a totalidade da História da humanidade, os professores devem estar conscientes da importância da organização e seleção dos conteúdos programáticos e o direcionamento de seus eixos temáticos.

Os conteúdos selecionados e desenvolvidos dentro dos programas das escolas devem primar pela formação da cidadania, envolvendo sua significância e compreensão.

A compreensão do tempo histórico, e a identificação dos seus ritmos, que permitem o reconhecimento da velocidade das mudanças de determinadas relações sociais, propiciam a assimilação dos processos históricos por parte dos alunos, interligam as dinâmicas do passado à sua realidade social, aproximando a lacuna insistente entre passado e presente (BRASIL, 1999).

É claro que não devemos encarar os alunos de Ensino Médio como historiadores, mas devemos estimulá-los a identificar as diferenças e semelhanças dos diversos processos históricos, podendo assim, distinguir um sentido de passado, como influência para o presente.

A forma de avaliação do aprendizado é outro ponto que vem sendo objeto de constantes pesquisas e estudos, adquirindo novas concepções. “Antes, ela tinha um caráter seletivo, uma vez que era vista apenas como uma forma de classificar e promover o aluno de uma série para outra ou de um grau para outro” (HAYDT, 2004, p. 14). Em outras oportunidades,

foi utilizada como um instrumento de ameaça e tortura prévia dos alunos. “Estudem! Caso contrário vocês poderão se dar mal no dia da prova” (LUCKESI, 1996, p. 19).

Atualmente, a avaliação assume novas funções, há uma variabilidade na sua concepção, pois é um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem estão sendo atingidos. Portanto, a avaliação assume uma dimensão orientadora e contínua. Essa nova concepção é abordada de forma clara por Haydt (2004).

A avaliação é um processo contínuo e sistemático. Portanto, ela não pode ser esporádica nem improvisada, mas, ao contrário, deve ser constante e planejada. Nessa perspectiva, a avaliação faz parte de um sistema mais amplo que é o processo ensino-aprendizagem, nele se integrando. Como tal, ela deve ser planejada para ocorrer normalmente ao longo de todo esse processo, fornecendo *feedback* e permitindo a recuperação imediata quando for necessária” (p. 13-4).

Até aqui, como proposta, optou-se por abordar algumas das mais significativas questões acerca das inovações e perspectivas para o ensino de História, oferecendo aos professores, um amplo panorama sobre o tema.

Adiante analisaremos, a partir da visão dos alunos, a quem se tem dedicado tanto esmero na configuração de novas práticas docentes, o contexto santa-mariense dentro do novo cenário educacional nacional do ensino de História.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA E A VISÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS**

A investigação afim de obter os dados para a análise da realidade escolar no que se refere ao ensino de História foi obtida através da amostragem de um número de quarenta alunos de quatro escolas tradicionais de Ensino Médio de Santa Maria - RS. Entre essas, optamos por escolher duas escolas públicas e duas escolas privadas.

A escolha dos alunos foi aleatória, após esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, seguindo-se a assinatura de um Termo de Consentimento de acordo com as normas do Comitê de Ética<sup>5</sup> do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Selecionaram-se, para a amostragem, dez alunos por escola, sendo estes pertencentes a duas turmas diferentes, ou seja, cinco alunos por turma e dez alunos por escola, correspondendo

<sup>5</sup> No que se refere às questões éticas, o referencial foi a Resolução Nº 196/96 do Conselho Nacional de Ética.

esses ao primeiro, segundo e terceiro ano em que lhes foi ministrada a disciplina de História em sua matriz curricular.

Aos alunos selecionados foram aplicados questionários dissertativos, estruturados, com a finalidade de enriquecer a coleta de dados e fugir do direcionamento dos questionários objetivos, desse modo, obtendo-se um grande número de informações a serem analisadas e discutidas. A análise abarcou relatos acerca das questões referentes à postura dos alunos frente ao entendimento pertinente ao ensino de História, bem como o desenvolvimento e utilização de recursos didáticos em sala de aula.

Partimos para a análise e discussão dos dados, indagando os entrevistados no que diz respeito à conceituação de História como objeto de estudo. A grande maioria dos alunos apresentou uma noção atualizada e correta sobre o tema, relatando-a da seguinte maneira:

“Costuma-se dizer que História é uma disciplina que estuda o passado, para a compreensão dos fatos presentes e a construção de um futuro melhor. A idéia é plausível, porém limitada, já que faz a História parecer distante dos acontecimentos atuais, enquanto, na verdade, o mundo está constantemente sofrendo mudanças que fazem parte de um processo histórico contínuo”.

“Eu entendo História como sendo uma matéria que nos ajuda a entender o que se passa em nosso presente, ao passo que ela nos mostra o que aconteceu a muitos anos, nos mostrando as origens dos fatos, explicando assim muitos dos acontecimentos atuais”.

Contudo, ainda persistem algumas posições tradicionais a esse respeito, que vinculam o ensino de História a algo passado e acabado, como a seguir:

“É importante para descobrir o passado do próprio homem”.

“É o estudo do que já aconteceu”.

“Uma matéria importante para trazer relatos antigos”.

Com base nesses depoimentos, percebemos que ainda não se tem uma unânime conceituação acerca da História como objeto de estudo, apesar da grande maioria dos alunos expressarem uma idéia acertada a este respeito. Essa realidade vincula-se diretamente ao estudo da História como disciplina escolar, o que pode influenciar na significância dos conteúdos para a vida escolar do aluno, pois, se este não desenvolver a exata noção do que e por que está estudando tal conteúdo, provavelmente não se sentirá atraído por esse conhecimento.

Quando indagados sobre a importância do estudo da História, destacamos as seguintes respostas:

“Sim, a História é importante para que possamos compreender nosso presente e até mudar nosso futuro, pois através dela conhecemos nossas origens e não cometemos os mesmos erros”.



“Sim, o estudo da História nos serve como “chão”, nos dá uma base, para entendermos como chegamos até aqui”.

“Sim, pois assim sabemos como o mundo muda de tempo em tempo. Imagine se não soubéssemos como começamos a usar as máquinas, seria estranho”.

Percebe-se que o mesmo percentual de alunos, que não tem a acertada conceituação de História como objeto de estudo, também apresenta uma noção errônea sobre a importância do Ensino de História para sua vivência.

Alguns alunos assim o registraram:

“Um pouco, sei que é importante saber o passado, mas às vezes é chato e gostaria de estudar um pouco de agora”.

“Sim, mas não me interessa em saber tantos detalhes e acontecimentos da História Antiga e Idade Média, mas é importante sabermos da História do Brasil e a História Contemporânea”.

Nesse caso, as críticas referem-se à desvinculação do ensino com a realidade e à seleção dos conteúdos propostos para o ensino de História. Segundo as novas abordagens teórico-metodológicas, os profissionais do ensino devem procurar, através dos conteúdos programáticos, conhecimentos científicos e relações com a realidade cotidiana do aluno, fazendo-o sentir-se um cidadão, integrante do processo histórico.

Os alunos, ao serem indagados se existem contextualizações dos conceitos históricos com os sociais e o seu referido relacionamento com a realidade diária escolar, apresentaram as seguintes respostas:

”Sim, pois conseguimos achar argumentos e/ou explicações para os acontecimentos atuais e a realidade através da História, isto é, a História nos permite ligar acontecimentos e fatos atuais, com fatos do passado. Nos permite ver tais reflexos, nos proporciona uma ampla e crítica visão de mundo”.

“Sim, tudo o que se estuda passa a influenciar as idéias dos estudantes e assim, estes passam a ser verdadeiros críticos da realidade”.

“Sim, muitas guerras que acontecem hoje, a do Iraque, por exemplo, tem sua origem há muitos anos atrás, que começou com uma disputa de terras que hoje ainda persiste”.

É interessante que a totalidade dos alunos percebe nos conteúdos de História algum reflexo ou relacionamento com o presente. Essa consciência deve estar estreitamente vinculada à percepção de sua inclusão como parte do processo histórico. Quanto aos alunos que compreendem esse viés, registraram-no da seguinte maneira:

“Todos nós fazemos parte do processo histórico, pois logo seremos história para nossos filhos e netos”.

“Sim, me vejo como parte integrante porque vivo hoje e tento fazer a diferença, estou dentro de todas as mudanças que vêm

acontecendo e faço parte delas”.

“Claro, certamente no momento em que vivemos, deixamos fatos e momentos para trás, estamos criando um passado e assim estamos fazendo nossa pequena história individual”.

Surpreendentemente algumas respostas não seguiram essa mesma ótica, mas não puderam ser discutidas qualitativamente por não apresentarem justificativa de posicionamento.

Quando solicitados que opinassem a respeito da contribuição das aulas de História para a formação da consciência de sua responsabilidade como cidadão, obtivemos o seguinte percentual: 68% dos alunos acreditam que o ensino de História contribui para a construção da cidadania, enquanto que 32% acham que isso não ocorre ou não identificam essa responsabilidade no seu processo de ensino-aprendizagem.

Esse cenário positivo pode ser observado nas seguintes falas:

“Sem dúvida, a partir do momento em que os meus conhecimentos aumentam, me sinto mais crítica e mais capaz de contribuir para a sociedade em que vivo”.

“Sim, elas provavelmente facilitam-me muito o entendimento do meu papel na sociedade atual, mostrando exatamente exemplos antigos, em que o cidadão batalha muito para conseguir direitos, e nós, atualmente, temos todos os direitos e não sabemos como usá-los, ou apenas não usamos”.

Mas também se observou a situação inversa, onde se inserem os 32% restantes da amostragem:

“Não acho que tenha ligação”.

“Atualmente não. Os fatores que contribuem para isso vêm da família e do contato com outras pessoas dentro de toda a minha experiência de vida”.

Essa realidade é preocupante, considerando que um grande número dos alunos não percebe a sua importância frente à constituição da sociedade em que vive, como se existissem mundos individuais distintos, que delimitam valores e sonhos. Essa perspectiva vai de encontro às novas propostas para o ensino de História, devendo esse fato, merecer atenção por parte dos professores de História. As aulas de História não devem restringir-se apenas à transmissão sistemática dos conteúdos programáticos, mas devem proporcionar momentos de significância e prazer.

Dentro deste contexto, perguntou-se aos alunos se se sentem atraídos ou têm vontade de aprender História. Seguem-se as explicações:

“Sim, gosto de História porque consigo ter uma noção maior da vida das pessoas que vieram antes de mim, consigo ver o porquê das coisas estarem assim hoje, de tudo que aconteceu até ficarem como estão e do modo que tendem a seguir mudando, além de

conhecer a forma de pensamento das pessoas e de sua mudança, acompanhando a evolução do homem”.

“Depende de como o professor dá aula, se é aquele que só lê e fala muito, não tenho vontade, mas se é aquele que fala e explica com métodos diferentes, então tenho prazer em assistir a aula de História”.

“Gosto de História, mas creio que me interessaria mais se não precisasse “decorar” e aprender tudo o que aconteceu em milhões de anos, em dois anos de estudo”.

E ainda, obtivemos o seguinte desabafo, importante de ser analisado:

“Exclusivamente neste ano, me sinto completamente desestimulada pelo professor. Trago de casa sempre um livro ou uma lixa de unhas para ocupar meu tempo durante as aulas de História. Porém, nas séries anteriores ela sempre foi das minhas matérias favoritas e fora do ambiente escolar sempre irá se mostrar assim”.

Essas afirmativas nos propõem inúmeras reflexões acerca do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem para o ensino de História. Enquanto alguns alunos demonstram gosto pelo aprendizado e curiosidade por algo mais, outros apresentam desânimo e desmotivação em aprender os conteúdos de História. Visivelmente demonstrada nas respostas dos alunos, essa realidade está relacionada diretamente às práticas docentes, já que os alunos, de alguma forma, não vêem significado em estar presentes a uma aula de História. Entra em jogo, nesse momento, a importância dos professores para a mudança deste cenário. O profissional da educação, tanto o de História como outros das mais variadas áreas, tem que ter consciência da sua importância como elo entre o saber e a capacidade cognitiva do aluno, pois aquele, se rompido, causará sérias consequências individuais que serão carregadas ao longo da vida.

Dando continuidade, indagamos junto aos alunos, questões referentes a conteúdos. Perguntou-se quais deveriam ser trabalhados na disciplina de História, e assim, segundo eles:

“Bom, eu gosto de todos os conteúdos, mas eu acharia muito legal se nós trabalhássemos mais política e sociedade (atuais)”.

“Deviam ser aplicadas mais coisas sobre a História do Brasil e a História atual, que interessa a quase todos os alunos e minimizar e simplificar a História Antiga, que quase ninguém gosta”.

Aqui percebemos a necessidade de temáticas mais atuais, insistindo no discurso de aproximar os conteúdos da realidade dos alunos, onde esses possam perceber naturalmente as permanências, as mudanças e as evoluções dos processos históricos. Há uma grande resistência por parte dos alunos no que se refere ao ensino da História Antiga. Parece-lhes um contexto

longínquo sem qualquer espécie de relacionamento ou influências com a atualidade. Esse cenário pode ser transformado se novas abordagens, como possíveis heranças arquitetônicas, leis e outros, forem também trabalhadas de forma diferenciada pelos professores em sala de aula, com aproximação e amostragem de quão importante se mostrou essa passagem histórica.

Seguindo, obtivemos algumas propostas interessantes para serem analisadas as novas temáticas e abordagens para os conteúdos de História.

“A história da arte é sem dúvida fascinante e poderia ser posta em discussão. A visão generalizada a qual temos acesso é sem dúvida satisfatória e permite o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado de acordo com o desejo de cada indivíduo”.

“A História deveria estar mais interligada a Filosofia. O estudo de certa época na História deveria acompanhar o estudo dos pensadores da época na Filosofia”.

“Acho que por enquanto está bom, mas eu acho que seria interessante saber mais sobre as revoluções do nosso Estado (RS), mostrar porque devemos ter orgulho de sermos gaúchos”.

Apesar de um número expressivo de alunos não opinarem, significativamente sobre essa questão, obtivemos respostas no sentido da necessidade do desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares. Outras respostas buscam a modernização, incluindo novas abordagens para o ensino de História. Um aspecto importante a ser salientado é o que diz respeito à inserção da História Regional no currículo escolar para o Ensino Médio, que, em alguns casos, já vem sendo trabalhada nos currículos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nessa questão, além do professor depender de programas estabelecidos pelas entidades mantenedoras das escolas, o mesmo deve buscar a atualização em termos de possibilidades de trabalho para os conteúdos de História, tentando torná-los agradáveis e significativos, reagindo frente à realidade posta aos nossos olhos.

Até aqui, analisaram-se questões referentes à postura dos alunos frente aos entendimentos e conceitos da História como ciência e como disciplina escolar. A seguir discutiremos alguns pontos relacionados às práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores nas escolas selecionadas.

Ao serem consultados sobre como são desenvolvidas as aulas de História, obtivemos dos alunos os relatos a seguir:

“O conteúdo é passado para os alunos, e durante essas aulas nós debatemos sobre esse conteúdo tirando nossas dúvidas”.

“Com filmes, pesquisa e etc”.

“Explicações, data show (slides), esquemas e tudo com muito diálogo”.

“A professora monta um esquema relacionado com a matéria no

Dentro desse contexto, obtivemos respostas com maior riqueza de detalhes:

“São aulas mais teóricas, com o livro e o professor, isso é uma qualidade que deveria mudar, para deixar o aluno mais interessado em aprender e o professor mais feliz por dar aulas que agradem a todos”.

“O conteúdo é desenvolvido pela ordem dos conteúdos programáticos do PEIES fornecido pela COPERVES, é dado baseado no livro didático, somente, e através de pesquisas para serem entregues”.

“Os bons professores se preocupam em expressar sentimentos, opiniões, além de mostrar a vida política da época, fazendo ‘ganchos’ para demonstrar o reflexo na atualidade. Os ruins apenas explicam a matéria, sem se preocupar com estes ‘ganchos’”.

Todos esses depoimentos mostram a variabilidade com que se desenvolvem as aulas de História, no Ensino Médio, no município de Santa Maria. Esse cenário pode ser explicado pelas diferentes posturas apresentadas pelos profissionais do ensino, uns mais comprometidos com sua profissão, outros nem tanto. Mas também se pode explicar tal variabilidade de práticas docentes pela diferenciação entre as estruturas oferecidas aos professores pelas escolas, onde nem todas possuem a mesma estrutura, aparato tecnológico e didático para a diversificação das práticas em sala de aula, mesmo que este não seja determinante para a referida diversificação. Muitas vezes, uma aula com somente quadro e giz, pode se tornar tão significativa para os alunos quanto aquelas rodeadas de aparelhos audiovisuais, valendo para isso a capacidade e criatividade de cada professor.

Dentro deste contexto podemos nos referir também aos bons livros didáticos, que devido ao alto custo oferecido pelas editoras, muitas vezes inviabilizam sua aquisição e mergulham o ensino e a educação em um círculo de relações capitalistas, como se estes fossem um produto cifrável.

Continuando, quando questionados a respeito de como o material didático é utilizado em sala de aula, os alunos responderam:

“Em sala de aula fazemos a leitura dos capítulos do livro didático e de textos complementares provenientes de outras obras. Demais recursos, como revistas, televisão e internet são explorados por conta própria”.

“A professora geralmente lê a matéria, fazendo um resumo no quadro, fazendo comentários e com exemplos variados, os textos são trabalhados como uma curiosidade a mais”.

“Os polígrafos e os textos ficam para os alunos desenvolverem, pesquisarem... As imagens no retroprojeto são passadas com base nas explicações dadas em sala de aula”.

“Fazendo leituras e reflexões dos conteúdos, puxando eles para a atualidade”.

“O professor apenas indica a página a ser trabalhada e começa a falar, os alunos devem acompanhar lendo e escutando o professor”.

“O professor resume o conteúdo do livro e pede para que os capítulos sejam lidos em casa. Ocasionalmente realiza alguns dos exercícios, que são poucos, o que dificulta o aprendizado”.

Os excessos de leituras em sala de aula podem tornar as aulas monótonas e cansativas, fazendo com que não haja uma interação e um dinamismo que mantenham os alunos “ligados”, atentos à aula. Essa realidade pode ser agravada pela constante duração da fala do professor, que se torna maçante se não controlada. Temos também uma quantificação e proliferação dos resumos de conteúdos, que muitas vezes restringem e delimitam a capacidade de assimilação e interpretação dos alunos. Não seria melhor que o aluno construísse o seu próprio resumo? Essa é uma situação que merece reflexão, pois sendo o professor um formador de opiniões, o resumo, involuntariamente, traz a sua visão frente ao determinado tema.

Desta forma, torna-se necessária a diversificação dos recursos didáticos, onde podemos selecionar os conteúdos de forma a utilizar imagens, fotos, músicas, poesias, vídeos, documentários, visitas, encenações e outros que não somente leituras desgastantes de capítulos de livros ou textos extensos que, naturalmente, não terão um aproveitamento adequado. Podendo também, dessa forma, utilizar pesquisas em livros e periódicos, bem como a internet.

As atividades de pesquisa devem ser acompanhadas pelo professor no sentido de incentivar o aluno a buscar e absorver novos conhecimentos, novos conceitos e não simplesmente os reproduzi-los. A pesquisa deve ser abrangente, com a identificação de curiosidades, estabelecimento de relações críticas, análise de imagens e realização de reflexões acerca de semelhanças do objeto estudado com seu cotidiano, além de outras possibilidades. A pesquisa não deve simplesmente se restringir à transcrição de textos e relatórios.

A prática da escrita deve ser estimulada, pois assim, automaticamente, o professor estimulará o hábito pela leitura, que por sua vez, poderá facilitar e melhorar a assimilação dos conteúdos e a forma de expressão dos alunos. Isso transforma a História parceira de outras disciplinas como a Literatura e Língua Portuguesa, favorecendo a interdisciplinaridade proposta pelas novas abordagens do ensino de História.

Este é um grande desafio para os professores de História. Fazer com que seus alunos percebam a importância do estudo da disciplina não é fácil, mas se esse objetivo pelo menos for almejado, o estudo de História poderá se tornar um momento de satisfação e prazer para o aluno, desvinculado da

cobrança de conhecimento exigido somente por provas e testes.

Sabe-se das dificuldades de conquista desse objetivo, pois a heterogeneidade das turmas e as peculiaridades dos alunos não permitem tal sucesso. Considerando, porém, que estamos inseridos em um processo de mudanças, que é lento e gradual, todo resultado positivo deve ser percebido como caminho para transformar práticas pedagógicas em situações significativas.

Seguindo, sobre as questões avaliativas, perguntou-se como os entrevistados são avaliados na disciplina de História. Responderam:

“Por meio de provas e testes objetivos, em função das provas do PEIES e vestibular e trabalhos dissertativos”.

“Com participação, presença, testes, provas e trabalhos”.

“O conteúdo é dividido em trimestres, onde realizamos dois testes de acordo com o avanço do conteúdo, e no final, nos é aplicada uma prova cumulativa abrangendo todo o conteúdo do trimestre”.

“Pela minha capacidade de transmitir o conhecimento ao papel, mas sem copiar apenas, mas abordando por vários ângulos o conteúdo, mas também por provas de múltipla escolha e trabalhos de pesquisa de vez em quando”.

“De acordo com o meu desenvolvimento em sala de aula”.

Normalmente o sistema de avaliação adotado pelas escolas exige a aplicação de provas e testes, como se identificou na grande maioria das respostas. Os alunos têm dificuldade de perceber que podem e devem ser avaliados de outras formas. Assim, perguntou-se como gostariam de ser avaliados:

“Acredito que a opinião dos estudantes deveria ser levada em conta. Não culpo os professores, mas o sistema educacional que restringe pontos de vista. Nas provas do PEIES e vestibular, por exemplo, somos levados a analisar os fatos sobre um mesmo ponto de vista, uma mesma interpretação, a de quem elaborou a prova, caso contrário corremos o risco de sermos eliminados pelo processo de avaliação. Esse tipo de teste nos subestima e exclui a possibilidade de agirmos de acordo com nossas convicções. Acredito que as opiniões devam ser manifestadas desde que não fujam da realidade”.

“É muito importante saber avaliar o aluno individualmente, porque as notas de provas e testes muitas vezes não avaliam o que o aluno realmente é, ou seja, o que o aluno realmente sabe e o interesse que ele de fato tem”.

“Pela minha participação nas aulas e também por saber explicar o conteúdo oralmente, pois acho que para passar a História adiante, saber contar também é muito importante. Fora isso, claro, os testes de múltipla escolha, para nos preparar para os concursos futuros”.

“Com questões cada vez mais exigentes, que seguem a linha das da prova do PEIES e vestibular-UFSM e também por meios mais flexíveis, que consigam atrair a atenção de toda a turma para o que o professor está tratando como os debates”.

“Prefiro os testes dissertativos porque consigo expressar melhor o meu entendimento, acho que as questões dissertativas mostram

mais se o aluno realmente entendeu o conteúdo”.

“Acredito que a atual avaliação é boa. Porém, creio que o comportamento do aluno também deva fazer parte da nota, afinal, suas atitudes em sala de aula refletem-se em seu aprendizado e no daqueles ao seu redor”.

Os processos avaliativos do aprendizado, segundo suas novas tendências, devem seguir no sentido a observação do aluno individualmente de modo a manter uma seqüência nesse processo. A avaliação deve ser proposta e caracterizada pela orientação aos alunos frente às suas dificuldades e carências. Por meio dos métodos avaliativos os alunos devem perceber em que nível anda o seu aprendizado e quais são suas dificuldades, assim podendo recuperar-se, caso necessário.

Para o professor, a avaliação também deve seguir o mesmo sentido, não de avaliar algo ou alguém, mas também de se auto-avaliar, podendo desse modo, identificar carências de explicações e dificuldades dos alunos. Essa orientação é de suma importância para o profissional de educação, fazendo dessa reflexão uma oportunidade para adequar e reforçar sua prática docente.

Neste sentido, as provas e testes ou quaisquer que sejam as formas de avaliação dos professores não podem ser utilizadas como forma de ameaça ou tortura aos alunos, causando pânico quando da sua aplicação, e muito menos obter um caráter numérico, seletivo e classificatório, como se pudéssemos, dessa forma, apenas medir o saber de algum indivíduo. As práticas avaliativas devem ser variadas e contínuas, podendo ser possível identificar qualquer dificuldade do aluno e, em tempo, corrigi-las.

Por fim, perguntou-se aos alunos como estes gostariam que fossem desenvolvidas as aulas de História. Obtivemos excelentes relatos a serem analisados:

“Eu gosto das aulas de História, acho muito interessante, mas eu gostaria que tivesse filmes e documentários, e pesquisa sobre o conteúdo, pois acho que nós aprendemos mais com a pesquisa, pois temos que buscar informações”.

“De forma dinâmica, transferindo o estudo para a realidade atual. Se levarmos em consideração as oportunidades oferecidas e as formas de utilização da tecnologia em benefício do ensino”.

“Uma aula ideal é aquela onde o professor explica a matéria e interage com os alunos, tendo noção de que tipos de detalhes devem ser incluídos ou não, para evitar causar confusão nos alunos. Esquemas e resumos deveriam ser substituídos por listas de exercícios, que mais tarde seria corrigidas e comentadas. Visitas à biblioteca deveriam ser banidas, e viagens a lugares históricos poderiam ser incluídas no currículo”.

“É muito importante que a explicação oral seja interessante, dinâmica, divertida. É claro que a leitura de um material didático é necessária e sempre auxilia no estudo. Outro ponto essencial são os exercícios, pois é através deles que vejo realmente o que aprendi e



onde estão minhas dúvidas”.

“Com mais filmes e com mais tempo para as aulas poderem ser aproveitadas”.

“Com mais precisão, dando só os ‘pontos-chave’ de cada assunto”.

“Com recursos diferentes, não apenas leituras”.

“Com professores que consigam descrever cenários sociais, políticos, econômicos e ideologias, fazendo o aluno ‘viajar no tempo’”.

“Com pesquisas, visitas a lugares históricos, museus, explicações com professora ‘realmente interessada’ em sua matéria”.

“Aulas mais ‘práticas’, com filmes, documentários, debates, palestras e atividades que de algum modo não fujam do conteúdo, mas que não sejam baseadas só no polígrafo”.

“Há dois elementos principais numa aula, o professor e o aluno: professor deve saber o conteúdo como ninguém e deve saber passar esse conhecimento para os alunos, pois os alunos só terão confiança do que estão aprendendo se o professor passar essa confiança na explicação”.

Na análise dessas respostas, constatamos que o professor é peça chave para o desenvolvimento do ensino de História, tanto pela sua segurança frente aos alunos, quanto pela aplicação de suas práticas metodológicas. O professor deve ter a capacidade e a responsabilidade de provocar, no aluno, o gosto pelo aprender, diminuindo a distância da sala de aula com o mundo real.

Percebeu-se também a aclamação pela aplicação de exercícios. Essa realidade é devida à cobrança da própria sociedade frente à necessidade das aprovações nos processos seletivos, como o PEIES e os vestibulares para ingresso em instituições de ensino superior. Em algumas situações essa cobrança é responsável por influenciar significativamente a seleção dos conteúdos programáticos nas escolas. Em outras, como se percebeu, até mesmo aulas de reforço em horários diferenciados são oferecidas para o trabalho dos conteúdos exigidos nos já referidos processos seletivos. O desenvolvimento dessa prática pode propiciar uma espécie de subdivisão de grupos devido ao fato de nem todos os alunos terem condições de frequentar essas aulas, o que, se existir, deve ser de alcance de todos. Segundo as novas abordagens para o ensino de História, nenhum tipo de segregação deve acontecer. O ato de ensinar não deve segregar e nem subdividir, mas sim propiciar a socialização entre os indivíduos a fim de construir cidadãos conscientes para a vivência cotidiana.

Até aqui, lançamos uma grande reflexão acerca do cenário das práticas pedagógicas, da visão dos alunos sobre ele e as possibilidades para o ensino de História na cidade de Santa Maria – RS. Agora, cabe aos profissionais do ensino, a humildade de oportunizar a si mesmo esta reflexão e, dentro das possibilidades oferecidas, trabalharmos para que possamos

juntos transpor os mais difíceis obstáculos impostos ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, oportunizemos aos nossos alunos o prazer pelo conhecimento, a consciência da participação no processo histórico e suas mudanças, além do desenvolvimento de competências e habilidades necessárias a sua formação como cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os professores de História têm sido orientados por modernos paradigmas relacionados ao ensino, por vezes, denominados de novas abordagens ou novas perspectivas para o ensino de História, já referidas ao longo do texto. Desse cenário, surgiram inúmeras teorias e modelos teórico-metodológicos propostos por profissionais que tentam encontrar uma direção confiável para o que se deseja na formação de nossa juventude. Pouco se deu atenção a quem está neste processo de formação, o aluno.

Através deste trabalho de investigação, viabilizou-se levantar algumas considerações e reflexões sobre o ensino de História, onde pudemos perceber a visão dos alunos frente a essa realidade no contexto santa-mariense.

Consideramos assim, que, as concepções dos educandos a respeito da disciplina de História, para o Ensino Médio, mostraram-se em relativa sincronia com a realidade das novas propostas e perspectivas para o ensino de História. Na maioria dos casos percebemos depoimentos acerca da necessidade de aulas diferenciadas, dinâmicas, com a diversificação e utilização de novos recursos didáticos. Também houve a solicitação de novas temáticas, atualizadas e vinculadas à realidade dos alunos. As propostas interdisciplinares, assim como a necessidade de atenção na seleção dos conteúdos desenvolvidos, também surgiram neste contexto.

O que negativamente não demonstrou real sincronia com as novas propostas para o ensino de História foram as realidades existentes em sala de aula, durante o desenvolvimento da disciplina. Levemos em conta que este panorama pode estar relacionado principalmente com os procedimentos didático-metodológicos desenvolvidos pelos professores nas aulas e às estruturas oferecidas pelas escolas.

As reflexões até aqui propostas, assinalam que o professor deve se mostrar comprometido e consciente de seu ofício, onde sua importância é fundamental para o sucesso das práticas em educação, devendo manter-se atualizado, operante, munido de criatividade e dinamismo para o desenvolvimento de suas atividades prático-didáticas e teórico-

metodológicas em sala de aula, além de receber da escola o suporte mínimo para que isso ocorra.

Sabe-se, como já se referiu que o processo de renovação para o ensino de História é lento, gradual e deve ser fruto de um trabalho conjunto entre alunos, professores, escolas e órgãos governamentais, como se fosse uma corrente. No caso do rompimento de um dos elos, o esforço pode ser falho, cansativo e inútil. Todos devem ter a percepção de sua importância para a consolidação e o fortalecimento dessa interligação.

Que o fruto deste trabalho sirva para alimentar as inúmeras possibilidades de reflexões a respeito do ensino de História em sua constante evolução, contribuindo para que os professores possam refletir e rever suas práticas em sala de aula, e, significativamente, para a construção de uma realidade melhor para o ensino de História. Onde possamos chegar tranquilamente em uma sala de aula, e fazer o seguinte questionamento: Quem aqui gosta de estudar História? E recebermos um caloroso “eu” da grande maioria.

A coragem de seguir a carreira docente, frente aos inúmeros desafios, já mostra força. Continuemos então trilhando esse caminho com caráter, doação e responsabilidade, para que assim, juntos, possamos construir um futuro melhor para o ensino de História no país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília, DF: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio: orientações educacionais complementares – Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/ SEF, 1999.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Conversas e controvérsias: o ensino de História no Brasil**. Passo Fundo: UPF, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

KARNAL, Leandro (Org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

KARNAL, Leandro. Educação e Sociedade: a mesma e a outra. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 2006; CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DA UNIFRA, 2. 2006, Santa Maria/ RS (palestra proferida no evento).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1996.

MEDEIROS, Elisabeth Weber; AGOSTINI, Lenir Cassel. O Curso de História do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria: algumas considerações sobre sua história. In: QUADROS, Claudemir de (Org). **Histórias e Memória dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria**. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

## FONTES ORAIS

Entrevistas com alunos de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> anos do Ensino Médio da rede pública e privada de Santa Maria. **Ensino de História no Ensino Médio**. 18 de outubro 2006 a 31 de outubro 2006. Entrevistas concedidas à Leonardo Silva de Camargo.

KARNAL, Leandro. Educação e Sociedade: a mesma e a outra. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 2006; CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DA UNIFRA, 2. 2006, Santa Maria/ RS.

## OBRAS CONSULTADAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Conversas e controvérsias: o ensino de História no Brasil**. Passo Fundo: UPF, 2001.

KARNAL, Leandro (Org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.